



Entrevista com Vicente Romano¹:

A procura por uma vida livre

Algumas notas sobre a antropologia simbólica de Harry Pross

por Carlos Magno Camargos Mendonça²

Resumo:

Esta entrevista com o professor Vicente Romano debate o modo pelo qual o pensamento de Harry Pross foi influenciado pelos procedimentos metodológicos de três paradigmas do século XX: o marxismo, o estruturalismo e a fenomenologia. O entendimento da influência destas matrizes teóricas sobre a obra intelectual de Pross nos auxilia a compreender os princípios por ele proposto para as interações simbólicas que sustentam a sociedade e são ritualizadas pelos meios de comunicação.

Abstract:

This interview with Professor Vincent Romano debate the way the thought of Harry Prosser was influenced by the methodological procedures of three paradigms of the twentieth century: the Marxism, the structuralism and phenomenology. The understanding of the influence of matrix theory on the intellectual work of Pross helps comprehend in the principles he proposed for the symbolic interactions that sustain the society and are ritualized by the media.

¹ Vicente Romano é um intelectual espanhol, formado em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid e doutor em Comunicação Social pela Universidade de Münster (Alemanha). Romano dedicou sua vida intelectual a analisar a relação entre a cultura, a comunicação e a formação das consciências. Para tal, serviu das teorias sociológicas, educacionais, linguísticas, políticas e comunicacionais, com foco nos modos de representação do sujeito e suas funções sociais. Aliada a esta perspectiva de investigação, o professor pesquisou a interculturalidade, bem como o uso do tempo e do espaço na constituição dos ambientes coletivos.

² Carlos Camargos Mendonça é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do Grupo de Pesquisa Poéticas da Experiência. Mendonça é co-organizador do livro *Comunicação e Experiência Estética*. Atualmente conduz uma pesquisa sobre a estetização do cotidiano e a representação do corpo do homem *gay*.





No início do outono de 2006, o professor Vicente Romano gentilmente me recebeu para conversarmos sobre algumas noções caras ao pensamento do comunicólogo alemão Harry Pross. O professor é catedrático em Comunicação Audiovisual, com doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha, e doutorado *cum laude* pela Universidade de Münster, Alemanha. Homem de pensamento inquieto, Romano é uma das autoridades europeias nos estudos comunicacionais. Além da Espanha, ele lecionou na Alemanha, França, Estados Unidos, Canadá e Brasil.

Na biblioteca de seu apartamento em Madrid, o professor me conduziu por um passeio pela obra de Pross e pelos autores que lhe foram fontes de inspiração e influência. Responsável pela tradução do alemão para o espanhol de importantes obras das ciências sociais e da filosofia, Vicente Romano demonstra um conhecimento singular do contexto intelectual sob qual Pross produziu sua obra.

Naquela conversa com Romano interessava-me investigar os modos pelos quais Pross se serviu dos procedimentos metodológicos de três grandes matrizes do pensamento intelectual no século XX: o marxismo, o estruturalismo e a fenomenologia. A influência destes paradigmas é fundamental para perceber como Harry Pross compreende os princípios das interações simbólicas que sustentam a sociedade e que, segundo ele, são ritualizadas pela comunicação, bem como gerenciadas pelas instituições em uma tentativa regular de manutenção do controle. Por isto, nas reflexões do intelectual alemão, encontramos sempre a equação: melhoria e democratização nos níveis de comunicação é igual a possibilidade de realização do bem comum entre os homens, assim como a oportunidade de transformar a experiência humana em ações de preservação da vida. Ao final do primeiro encontro com Romano, marcamos um próximo para o dia 02 de





fevereiro 2007, na *Fundación de Investigaciones Marxistas - FIM*, em Madrid, onde o catedrático me concedeu a entrevista reproduzida a seguir:

— *Harry Pross serviu-se da noção de violência simbólica proposta por Pierre Bourdieu. Suas análises da sociedade mesclam aspectos do simbolismo, da psicologia e da antropologia, em um modo de exame que nos recorda a antropologia de Lévy Strauss. Como Pross utiliza os princípios próprios aos métodos estruturalista e pós-estruturalista para compreender as operações responsáveis pela criação dos valores simbólicos?*

— Pross parte do verticalismo dos valores e da horizontalidade da realidade. Ele atribui muita importância à coerção exercida pelos símbolos e os valores arbitrários sobre as pessoas. Sua proposta foi a de ampliar a horizontalidade e reduzir o verticalismo, quando diminuimos a coerção ampliamos a coexistência. Para isto, Harry Pross analisa a justaposição dos signos e a sobreposição de valores. Os símbolos estão organizados hierarquicamente, eles estão sempre carregados de valores. Como exemplo, podemos observar a hierarquia de dois símbolos religiosos: Deus, o valor supremo, está acima; e o diabo, o antivalor ou o valor negativo, está abaixo. Para ele a manutenção da ordem está na justaposição dos signos com a realidade.

— *Vivemos frente ao infinito processo de enfrentamento do verticalismo e da busca pela horizontalidade?*

— Sim. O que Pross persegue é reduzir o verticalismo. Naturalmente, isto não significa a extinção de valores: sempre existirão valores, sem valores não há ordem. A destruição da ordem seria a destruição da sociedade. Não estamos preparados para viver a sociedade anárquica. Creio que a pretensão dele é promover uma descrição enfática da verticalidade como algo arbitrário, que não existe sem algum interesse. A partir do conhecimento desta descrição as pessoas podem descobrir que não precisam submeter-se tanto a esta coerção. Ao reconhecerem os símbolos como arbitrariedade, as pessoas





se tornam menos influenciadas ou coagidas por eles. Cada cultura possui sua verticalidade, sua escala de valores. O problema é reconhecer este verticalismo dos símbolos como uma convenção social imposta. O conhecimento das formas de ação dos símbolos é fundamental à redução da coerção. Pross espera que com isto possamos nos tornar um pouco mais livres.

— *Se expressarmos graficamente este pensamento de Pross teremos como eixo vertical a heterodeterminação e como eixo horizontal a autodeterminação? E como funciona a comunicação de massa neste gráfico?*

— Claro, os eixos são estes. Segundo Pross, trata-se de ampliar a autodeterminação. A comunicação de massa é regida pelo verticalismo dos valores dominantes na sociedade. Ela funciona como uma ritualizadora de valores.

— *A influência da fenomenologia de Merleau Ponty é visível no projeto intelectual de Pross. A perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl tem a mesma importância para ele?*

— O mestre de Pross, mais que Husserl, é Alfred Weber. Ele estudou com Alfred Weber e se reconhece como seu discípulo. Ele conhece profundamente a produção intelectual alemã, conhece muito bem o marxismo, ainda que não se reconheça marxista. A noção de disciplina para Pross, por exemplo, é de Alfred Weber.

— *Pross referencia o "Ensaio sobre o homem", de Ernest Cassirer, livro que oferece uma noção do homem como um ser forjado na materialidade simbólica da cultura. Susanne Langer, também citada por Pross em seus trabalhos, entende que o homem é simbólico por natureza. É possível dizer que Pross compreende a importância do pensamento de Langer, mas mantém-se sob a influência de Cassirer, ou seja, observa o simbólico pelas lentes da cultura?*





— Sim. Os símbolos são culturais, são determinados pela cultura e não pela natureza. Pross entende os homens como criadores de símbolos e condicionados por eles. Estaremos sempre condicionados pelos símbolos dominantes da cultura em que nascemos e nos criamos. Isto se inicia na primeira infância, quando nos impõem certos valores, certas formas de experimentar e expressar a realidade. À medida que nos socializamos, contrastamos os valores iniciais com os novos valores que recebemos, inclusive os oriundos de outras culturas. Descobrimos a relatividade dos valores quando os contrastamos com outros. Ao serem colocados em relação com outros, vemos que não há o porquê de nossos valores serem superiores ou inferiores aos outros.

— *No livro "Estructura simbólica del poder", (1980), Pross observa a necessidade de definir o que vem a ser o "algo" no conceito de signo elaborado por Charles S. Peirce. Para falar da noção de símbolo, ele lança mão do conceito cunhado por Max Bense. Por outro lado, Bense, no livro "La Semiótica, guía alfabética", (1975), organizado com Elizabeth Walter, retoma Peirce para definir a triconomia ícone, índice e símbolo. Ao realizar esta angulação teórica, Harry Pross, mesmo com algum nível de crítica, articula a pragmática de Peirce ao pensamento sistêmico de Bense para fundamentar o seu conceito de signo naquilo que ele chamou de "semiótica relacional? Nesta medida, essa noção de signo pretende servir a uma semiótica aplicada?*

— Há sim uma interseção. Em 1952, Pross foi para os Estados Unidos onde se dedicou, por um ano, aos estudos de política na Hoover Library, da Universidade de Stanford, e nas Universidades de Columbia e Minnesota. Lá ele estudou algumas produções intelectuais americanas. Harry Pross parte do princípio que somos seres relacionais. Por isto, buscou uma semiótica aplicada. Para Pross, e eu compartilho plenamente deste conceito, a comunicação é um processo e não um sistema. Um sistema é um conjunto de elementos estáticos. A comunicação é algo dinâmico, que está em





movimento e, portanto, se modifica, não permanece igual. Sempre aprendemos e nos transformamos. Os símbolos não são estáticos. Por serem convencionados pelo poder, quando muda o poder mudam-se os valores simbólicos. A resistência ao poder também tenta mudar os símbolos. Neste quadro de mudança se estabelece outra hierarquia de valores. Creio que enquanto exista sociedade haverá, naturalmente, uma hierarquia de valores. Isto não significa que as hierarquias sejam iguais. Não podemos comparar o que é uma hierarquia de valores dentro de uma sociedade capitalista com o que será para uma sociedade socialista, ou em uma sociedade governada pela esquerda com uma governada pela direita. Pross nos alerta para a forma como o poder se apropria de palavras-chaves para mudar sua imagem, causar uma impressão de caráter avançado em uma forma de poder conservador.

— *Ele inclusive nos chama a atenção para o uso das palavras na construção de discursos libertários em regimes totalitários.*

— Há uma palavra que poderia ser considerada patrimônio, quase exclusivo, das esquerdas: solidariedade. A direita se apoderou do termo e repete em todos os seus discursos: solidariedade, solidariedade. Na verdade, a direita tem tentado se apoderar dos discursos da esquerda para travestir o totalitarismo de seus governos.

— *Pross influenciou-se pelo pensamento hermenêutico de Wilhelm Dilthey, importante referência ao interacionismo simbólico. O projeto intelectual de Dilthey aproximou Pross ao interacionismo simbólico?*

— Sim, eu diria que sim. Ao ser uma convenção, um acordo social, os símbolos interatuam. Para este paradigma, a sociedade é fruto da interação dos símbolos e a comunicação estabelece a hierarquia de valores destes símbolos. O que está em jogo é: a comunicação, os símbolos e a formação social.





— *Como podemos ler a definição de mídia primária proposta por Pross?*

— Os meios primários são os meios de contato humano elementar, uma comunicação primária feita a partir dos meios naturais, biológicos ou meios não técnicos. Como não possuem uma intervenção técnica, estes meios priorizam os cinco sentidos humanos. Neste nível, não é necessário saber ler ou mesmo manejar um aparato técnico ou tecnológico para nos comunicarmos. Eu compartilho com Pross a importância conferida a este tipo de comunicação. É na comunicação primária que trocamos, realmente, impressões com o outro. As outras são formas de comunicação mediadas por aparatos técnicos e, portanto, midiáticas. Isto quer dizer que estas formas midiáticas de comunicação estão condicionadas pelos detentores dos aparatos técnicos. Assim, transformam-se em uma comunicação unidirecional. A contradição e a disputa só são possíveis na comunicação pessoal direta, sem nenhuma forma técnica de intervenção. A tecnologia reduz a comunicação pessoal. Os espaços para praticarmos a interação pessoal - a comunicação primária - estão cada vez mais escassos. Na Grécia havia a ágora, em Roma tinham o fórum, na Espanha eram as praças ou os pátios das igrejas os lugares onde as pessoas podiam se encontrar, se comunicar e falar. Deste contato, desta troca direta é que podemos descobrir o que temos em comum. É deste sentimento comum que nasce a solidariedade. Se descobirmos o que temos em comum, nos tornaremos mais flexíveis às mudanças. Reduzir a comunicação primária significa enfraquecer a solidariedade. Quando se diminui a interação, diminui-se o que há em comum, alimenta-se a fragmentação através do consumo individual de comunicação. Mesmo quando estamos em um *chat* lidamos com uma interação virtual, isto fragmenta o indivíduo. A fragmentação nos transforma em presas fáceis do sistema.

— *Nesta perspectiva, o senhor acredita que as mídias secundárias e terciárias, mídias eminentemente técnicas, quando diminuem nossas formas de contatos pretendem*





alcançar o corpo e todo o comportamento humano com o duplo objetivo de nos uniformizar e individualizar?

— Claro. Uniformizam-nos pelo nível mais baixo e nos convertem em consumistas individuais, em números e índices. Eu vi no Brasil, pelo pouco que conheço do país, como as praças públicas foram desaparecendo e sendo transformadas em *shopping centers*. Porém, não vamos a um *shopping* para conversar, vamos para ver e consumir. Por isto, reivindico a defesa dos poucos lugares e tempos que nos restam para nos relacionar, conversarmos ou manifestarmos. O que o sistema faz é privatizar os lugares públicos, diminuindo-os para alargar as ruas para os carros, para construir estacionamentos ou *shoppings*. A comunicação direta, a interação entre as pessoas prejudicam os interesses do poder.

— *Sob a influência de Dilthey, Pross elabora o esquema ação/experiência/conhecimento. Sob a influência de Bourdieu, Pross chama a atenção para o desenvolvimento dos planos de educação como uma ferramenta de violência simbólica. É correto afirmar que para Pross conhecer é poder, como afirmou Michel Foucault?*

— Creio que sim. A ampliação do conhecimento nos permite dispor da capacidade de antever a ação futura. O conhecimento como poder de nos sentir mais livres. Há uma definição implícita em Pross de liberdade como a capacidade de prever o que vai se passar conosco quando efetuamos uma ação, como podemos evitar o transformar algo em razão de nosso conhecimento. Sem o conhecimento somos mais facilmente vitimados. O conhecimento da coerção dos símbolos nos permite a liberação deste, nos permite buscar nossa autodeterminação ao invés de sermos vítimas da heterodeterminação, como disse Pross.





— *Para encerrar, como o senhor entende o conceito de espaços intermédios em Harry Pross?*

— São os espaços não pré-determinados. Como não há a pré-determinação não há condicionamentos, não há vigilância. É o espaço onde nos sentimos livres, onde podemos nos expressar como somos. Por exemplo, os estudantes nos corredores das escolas, sem o comando dos professores, as crianças nos momentos de recreio que nos observa, quando chegamos perto, com ares de: O que faz este estranho no meu espaço de brincar? Os comunicadores de cada espaço criam seus códigos próprios de comunicação. Segundo Pross, os espaços não vigiados ou pré-determinados são os espaços onde nos sentimos iguais e, portanto, nos permitem expressar-nos com liberdade.

Texto recebido em 09 de julho de 2008

Text received on July 09, 2008

Texto publicado em 01 de outubro de 2008

Text published on October 01, 2008

